

DANTAS, Fabiano Ribeiro; TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento; SILVA, José Moisés Nunes da. Fotografia, peça de expressão de sentidos e opção metodológica crítica. *In*: NASCIMENTO, José Mateus do; SILVA, José Moisés Nunes da (Org). **Educação Profissional e contradições sociais**: pontos e contrapontos. Natal: Editora FAMEN, 2019. p. 204-212. DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2019.lc22>

Capítulo 22

FOTOGRAFIA, PEÇA DE EXPRESSÃO DE SENTIDOS E OPÇÃO METODOLÓGICA CRÍTICA

*Fabiano Ribeiro Dantas*¹
*Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares*²
*José Moisés Nunes da Silva*³



Fonte: Fabiano Ribeiro Dantas

¹ Graduado em Pedagogia. Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: frdantas33@hotmail.com.

² Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

³ Doutor em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: moises.silva@ifrn.edu.br.

RESUMO

A fotografia representa um fragmento do cotidiano de uma idosa, pensionista do nordeste brasileiro. O registro fotográfico foi realizado na Zona Norte de Natal/RN, em 19 de maio de 2019. A senhora da foto tem 76 anos, vive em condições objetivas precárias e relatou com lamentação, aos autores da experiência foto-conceitual, sobre a interferência dos condicionantes da cultura machista, forte em sua geração, como aspecto limitador das possibilidades de seu desenvolvimento. O capítulo tem por objetivo propiciar reflexões sobre o campo da fotografia como dispositivo de comunicação e da pedagogia crítica enquanto áreas de diálogo sobre os pressupostos da psicologia social. A metodologia utilizada foi a articulação da produção fotográfica com a revisão bibliográfica conceitual, valorizando a reflexão dinâmica, a perspectiva progressista, a identificação de indicadores de opressões e o valor das práxis de transformações sociais. Os resultados apontam que com a utilização da imagem fotográfica associada à reflexão conceitual sobre pedagogia progressista e crítica podemos desenvolver o olhar social sensível, o despertar da consciência crítica, a comunicação de responsabilidade social, a formação criativa e o gosto pela atividade transformadora.

Palavras-chave: Fotografia. Pedagogia progressista. Metodologia crítica.

INTRODUÇÃO

A sociedade hodierna é marcada pelo capitalismo constituído por uma aldeia global de integração, permitindo maiores mercados, com atitudes de liberalidade, de abertura e tolerância em vários níveis para a manutenção do sistema vigente, em busca cada vez mais do lucro, coisificando o homem, tratando-o em mercadoria, sempre na perspectiva do acúmulo, da exploração e da alienação do trabalhador. Dessa realidade perversa e violenta surgem as mazelas sociais, as contradições, os entraves, os conflitos, as desigualdades e as exclusões sociais se intensificam entre tantos outros males.

A educação fundamentada na ótica liberal tem como finalidade manter a ordem vigente de acordo com o contexto social da divisão das classes sociais, elaborada de acordo com os interesses dominantes. Os filhos da classe dominante se preparam para gerir, num futuro breve, a sociedade, enquanto os filhos dos trabalhadores têm acesso ao mínimo necessário para manter a reprodução desse sistema. A educação nessa perspectiva é um espaço para propagar ideais e

interesses capitalistas atendendo assim, as necessidades do capital, gerando cada vez mais miséria e concentração de riqueza. (FRERES, 2019).

O atual contexto marcado pelo progresso tecnológico também é palco da exaltação da imagem, uma vez que as grandes preocupações do capital envolvem as aparências e a estética. Assim, a influência da imagem na sociedade atual é marcante, sugestionando as reflexões e direcionando as interações na esteira mundo (HOPPE, 2010).

Na tentativa de contribuir para a escola transformadora, por meio de prática pedagógica política e de trabalho com práxis, o presente capítulo propõe a produção da fotografia através do smartphone como recurso metodológico para a produção de imagem que realcem os diversos temas na psicologia social. A opção por essa mediação pedagógica busca desenvolver o olhar para além da imagem, promovendo experiências geradoras de indignação e de solidariedade a partir da percepção de situações projetadas no cotidiano. (CANDAU, 1990).

A senhora da foto tem 76 anos, vive em condições objetivas precárias e relatou com lamentação, aos autores da experiência foto-conceitual, sobre a interferência dos condicionantes da cultura machista, forte em sua geração, como aspecto limitador das possibilidades de seu desenvolvimento. Como diz Mario Quintana “o fotógrafo tem a mesma missão do poeta: eternizar o momento”. Toda fotografia é um texto que se registra com imagem. É expressão da realidade que nos cerca.

A metodologia do trabalho compreendeu cinco etapas: 1) apropriação dos conceitos centrais presentes no livro clássico “A Ideologia Alemã”; 2) contemplação e debate sobre a música “Comida” do grupo musical Titãs; 3) oficina fotográfica através de smartphone; 4) produção autoral de registro fotográfico; 5) elaboração da síntese das aprendizagens adquiridas por meio da elaboração do presente capítulo.

O registro fotográfico foi realizado em Igapó, na Zona Norte de Natal/RN, na tarde nublada de 19 de maio de 2019, na residência da senhora com o codinome Maria Barbosa, e realça o cotidiano dessa senhora.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA CONCEITUAL

Fotografar é registrar a realidade, com luz e sombra. É documentar eternizando cenas dos signos e dos instrumentos da cultura. Ao fotografar se deve levar em consideração elementos técnicos como enquadramento de imagem, expressão estética, entre outros.

Fotografia é memória registrada pela imagem que exerce influência na realidade, como nos diz Hoppe:

Desde o reconhecimento da primeira fotografia, em 1826, atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce, nunca sentimos tanto, no meio social, a relevância e a influência da imagem. Basta ligar a televisão, acessar a internet ou os aparelhos celulares, e lá estão as imagens mergulhando dentro dos nossos olhos, formando conceitos, causando reflexões, e, principalmente alterando as nossas formas de interagir com o mundo. [...] Um novo big-bang, agora no comportamento humano, que mescla a imagem estática ou em movimento com o avanço das novas tecnologias. (HOPPE, 2010, p. 5).

Foto não é arte da câmera, mas da sensibilidade de quem a manipula, do seu olhar para a realidade, da cultura que possui e lhe capacita para escrever imagetivamente a vida. É como diz Sebastião Salgado, “você não fotografa com sua máquina, você fotografa com toda sua cultura”.

O que faz um fotógrafo é fruto de sua sensibilidade do olhar. A técnica aprendida lhes serve como ferramenta para ampliar as possibilidades da peça de comunicação. Desse modo, pode ser considerado fotógrafo quem tem um olhar que sabe garimpar o cotidiano. Nesse sentido, com aduz Jushen (2010, p. 28), “‘Pensar’ fotografia é muito mais difícil. Saber a importância da fotografia, analisar o ato fotográfico, o objeto fotografia, o equipamento, as novas tecnologias e o profissional fotógrafo acabam sendo bem mais complexos do que ‘apenas’ fotografar”.

Na disposição dos elementos, no ângulo escolhido, na luz utilizada, pode provocar a memória. E quando os olhos se deparam com a imagem fotografada, o passado resplandece na memória despertando os sentimentos vividos e as esperanças do que virá, pois o passado sempre lança luz para o presente, projetando-nos para o futuro.

Mesmo numa foto artística, a imaginação lê toda a escrita e desperta sentimentos, estabelecendo inúmeras associações. A fotografia verdadeiramente promove a visão com os olhos da alma, de modo que no encontro entre imagem e

imaginação, surge mais do que o registrar a ciência ótica ou a simples mecânica do olhar.

A fotografia se tornou sedutora por sua capacidade de ser direta e por sua realidade aparente. O problema é, na sua essência, mais histórico e ideológico do que fotográfico ou foto-histórico, pois as fotografias nunca são simplesmente evidências. Elas são históricas em si mesmas e a complexidade dos contextos de percepção da realidade, enquanto manifestada na criação de imagens, cruza-se com a complexidade da natureza da fotografia em si, de várias formas. (EDWARD, 1996, p. 15).

O papel do fotógrafo é documentar. Esse papel depende da sensibilidade para expressar a realidade que está em nossa volta, da emoção, da razão, da abertura que se dá ao mundo e do desejo de resistência.

O registro fotográfico que anuncia esse capítulo, foi antecedido de uma entrevista com a senhora Maria Barbosa. Ela é viúva, diabética, enfrenta uma delicada situação econômico e financeira. Natural de Nova Cruz/RN, mãe de nove filhos, dos quais três já faleceram. Concluiu em sua juventude o curso Normal, que segundo ela “dava direito a lecionar no Primário”. Porém, nunca trabalhou com carteira assinada. Há cerca de trinta anos reside em Natal/RN.

Destacou a influência da cultura machista de sua geração em que a função da mulher era geração de filhos e a administração do lar. Sem assumir papéis na vida social, nem está inserida no mundo do trabalho, acompanhou seu esposo que era militar aposentado e que faleceu num acidente de trânsito.

Suas grandes preocupações são uma filha que se encontra enferma, com uma doença degenerativa; um filho com laudo relacionado a distúrbios psicológicos; e seu neto que está com um quadro forte de depressão. Diante de tantas ansiedades, desilusões e dificuldades, Maria Barbosa apresenta um quadro de dependência química de cigarro. Tudo isso gera um quadro de dilaceração psíquica que promove desejo de abandono de vida.

De fato, constatamos que, na sociedade capitalista, a ênfase da educação ocorre na perspectiva tradicional – Pedagogia Liberal –, com a finalidade de manter e perpetuar o sistema vigente, a sociedade dividida em classes, com as benesses para a burguesia e todas as mazelas para a classe trabalhadora.

Acerca da Pedagogia Liberal, Libâneo (1992, p.2) assim se expressa:

[...] A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade. A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência. A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais.

Nessa prática docente, o professor trabalha na perspectiva da transmissão dos conhecimentos, enquanto o aluno absorve – é depositário – as informações. Os conteúdos das respectivas áreas de estudos são organizados em disciplinas isoladas. A metodologia privilegia aulas expositivas e exercícios de memorização. A avaliação envolve a capacidade de retenção da informação tal qual posta na narrativa do livro e do professor. Nesta ótica, a função social da escola é a reprodução das relações sociais.

No contraditório da perspectiva tradicional, o campo epistêmico da educação propõe a Pedagogia Progressista. Sobre esse referencial Libâneo (1992, p. 8-9) destaca:

[...] o termo 'progressista', emprestado de Snyders é usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais. A pedagogia progressista tem-se manifestado em três tendências: a libertadora, mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire, a libertária, que reúne os defensores da autogestão pedagógica; a crítico-social dos conteúdos que, diferentemente das anteriores, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. [...] A tendência da pedagogia crítico-social de conteúdos propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Entende a escola como mediação entre o individual e o social, exercendo aí a articulação entre a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte de um aluno concreto (inserido num contexto de relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente reelaborado.

A pedagogia progressista propõe transformar a realidade. Nesse referencial, o professor é organizador que coordena, orienta, questiona, planeja, direciona, interfere, ensina, incentiva e estimula a resolução dos problemas. O aluno participa da construção coletiva do conhecimento. A ênfase metodológica centra-se no trabalho social, na pesquisa, no incentivo, na motivação, nos desafios e no desenvolvimento integral do aluno, desenvolvendo as dimensões da paixão, do afeto, do prazer e da sensibilidade nos processos de ensino e de aprendizagem. (REVISTA NOVA ESCOLA, 1994).

A Pedagogia Crítico-social dos conteúdos, ou como também é conhecida, a Pedagogia Histórico-crítica, dar ênfase na difusão dos conteúdos como tarefa primordial, relacionando aprendizagem e condicionantes sociais, na perspectiva das mudanças. Nessa Pedagogia, Libâneo (1992, p. 13) aduz:

[...] A difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. [...]. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade. Se o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais, a função da pedagogia dos conteúdos é dar um passo à frente no papel transformador da escola, mas a partir das condições existentes. Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida. Entendida nesse sentido, a educação é 'uma atividade mediadora no seio da prática social global', ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética), a uma visão sintética, mais organizada e unificada.

Em síntese, a atuação da escola crítica consiste na preparação do aluno para a lucidez do mundo diante de suas contradições. O referencial fornece um instrumental por meio da aquisição de conteúdos e da socialização para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

As opções dos métodos se subordinam à essência dos conteúdos. O objetivo é privilegiar a aquisição do saber vinculado às realidades sociais e os métodos devem favorecer a correspondência desses conteúdos com os interesses dos alunos para a compreensão da realidade (prática social).

Isto é possível, porque os métodos da Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos partem da relação direta com a experiência do aluno confrontada com o

saber e com a prática vivida pelos alunos. É por meio dos conteúdos propostos pelos professores que se dará a ruptura em relação à experiência pouco elaborada e vulgar. Em síntese, a aula começa pela constatação da prática real dos estudantes, e o conduz, em um movimento dialético, preparando-os para a leitura de mundo, para uma participação ativa na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia e o diálogo conceitual surgem do processo de criação e da experiência vivenciada pelo autor. O capítulo se desenvolve a partir da elaboração do pensamento proveniente da inspiração no cotidiano, vivenciado por uma senhora humilde.

Inspiração é a capacidade do pesquisador, do profissional, e por que não dizer do artista, em criar inspiração. Inspira-nos a percepção dos valores, dos aspectos políticos, sociais, econômicos, afetivos, entre outros.

No processo de criação estão presentes às inquietações, os questionamentos, erros e acertos, dúvidas e certezas, entre tantos outros aspectos. A criação é um processo comunicativo que passa pelos conceitos que estão envolvidos e que conduz à reflexão, discussão e análise da realidade.

Com a fotografia, buscamos realçar indignação ao desvelar a opressão social por meio da percepção das contradições sociais como propõe a pedagogia crítica. Nessa opção pedagógica, as aprendizagens são direcionadas para a transformação da realidade por meio da utopia do mundo mais fraterno e solidário.

A experiência fotográfica e conceitual partindo do olhar sensível para a realidade foi uma metodologia integradora que enriqueceu as experiências pedagógicas através do pensamento relacional entre os conhecimentos teóricos com a prática da realidade.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

EDWARDS, Elisabeth. Antropologia e fotografia. **Cadernos de antropologia e imagem**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 11-28, 1996.

FRERES, Helena de Araújo; RABELO, Jackline; MENDES, Maria das Dores. **O papel da educação na sociedade capitalista**: uma análise onto-histórica. 2019. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/932.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HOPPE, Altair. O Narciso invertido. **Foto Grafia**, Santa Catarina, n. 3, p. 05, ago. 2010.

JUSHEN, Marcelo. Aprender a ensinar versus ensinar a aprender. **Foto Grafia**, Santa Catarina, n. 2, p. 28, abr. 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. Disponível em: https://praxistecnologica.files.wordpress.com/2014/08/tendencias_pedagogicas_libaneo.pdf. Acesso em: 27 jun. 2019

REVISTA NOVA ESCOLA. Editora Abril, n. 81, ano IX, dez. 1994, p. 44-46.